

Os acervos, o meio digital, o intelectual das Letras

Alckmar Luiz dos Santos / NuPILL/UFSC/CNPq

Vou começar enunciando algumas obviedades, atitude que me parece a mais prudente para, a seguir, poder formular algumas hipóteses e chegar a conclusões que não são, ambas, nada óbvias. Solicito, então, a paciência do meu leitor, de maneira a que eu possa tentar ser o mais convincente possível.

Embora eu não seja propriamente um pesquisador de acervos, de manuscritos, de documentos, tenho trabalhado, há bastante tempo, com fontes de informação literária na internet, assim como com estratégias e ferramentas digitais para localização, organização, digitalização e disponibilização (para posterior busca e leitura) dessas informações. Nos últimos cinco anos, isso tem incluído também o trabalho com acervos físicos e virtuais de escritores. É assim, meio de fora e meio de dentro, que tenho refletido sobre esse campo de pesquisas.

A partir dessa experiência, então, creio poder enunciar alguns juízos mais gerais sobre o trabalho com acervos literários (e, por extensão, também sobre o trabalho do intelectual das Letras). Para partir do que, ao menos para mim, parece óbvio (e sem pretender reinventar a roda), eu diria que, no todo, há duas estratégias básicas aí. Uma pressupõe o compartilhamento aberto de informações que foram coletadas e organizadas previamente. É o que se faz, por exemplo, nos acervos sob a guarda do *Instituto Moreira Salles*, ou nos que estão disponíveis na *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Em outras palavras, o que se faz, nesse caso, é trazer a público massas de dados que, posteriormente, poderão ser trabalhados por outros pesquisadores, mesmo por aqueles que não tiveram nenhum acesso direto ao acervo do escritor. O foco desse tipo de trabalho está posto, sobretudo, em outros pesquisadores, não necessariamente naqueles que tiveram ou têm ainda contato direto e físico com os documentos e que, por vezes, detêm até mesmo os direitos de divulgação deles. É a partir desse trabalho inicial e altruísta que gente como Brito Broca pôde fazer as pesquisas que fez em acervos documentais, como os da Biblioteca Nacional. Nesse caso, uma massa de informações já organizadas e catalogadas é convertida em instrutivas e percucientes leituras da literatura brasileira, de seus escritores, de suas obras.

Há uma segunda estratégia, em que o trabalho com as informações coletadas e organizadas fica restrito ao pesquisador ou ao grupo de pesquisadores que teve acesso ao acervo. Nesse caso, às atividades de organização e catalogação do material, soma-se a pesquisa literária propriamente dita, em que se busca ler a obra e o escritor ao mesmo tempo, estabelecendo uma espécie de diálogo entre este e aquela. O foco, aqui, parece não estar mais nos outros pesquisadores em geral, mas, sobretudo, no limitado grupo que tem acesso direto ao acervo. Contudo, pode ocorrer que, após a divulgação dos resultados da pesquisa desses primeiros pesquisadores, as informações fiquem disponíveis para outras leituras, outras interpretações, estabelecendo-se o desejado debate intelectual (ou seja, teórico e crítico) entre diferentes pesquisadores, com distintas perspectivas e concepções. Mesmo aí, de certa forma, o foco final desse tipo de trabalho com acervos estará também nos outros pesquisadores, já que seu objetivo é, não apenas, apresentar sua própria leitura do material do acervo, como possibilitar que outros leitores se apropriem, por assim dizer, das informações tornadas disponíveis.

Uma deriva (ou derrapagem) dessa segunda estratégia está justamente no pesquisador ou grupo de pesquisadores que apenas divulgam seus resultados de leitura, sem permitir que outros também tenham acesso mais livre ao acervo. Não é difícil perceber que, assim procedendo,

eles põem o foco em si mesmos. E um caso ainda mais extremo é aquele em que alguém (não necessariamente pesquisador) dificulta ou impossibilita qualquer acesso às informações. Por exemplo, é o que está ocorrendo, atualmente, com o que ainda resta do precioso acervo da antiga Editora Garnier. Seus direitos estão hoje sob controle do proprietário da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, que não permite praticamente nenhum tipo de trabalho com ele. Há alguns anos, por um golpe de sorte, conseguimos autorização para fotografar digitalmente o que lá está, mas não houve meio de convencê-lo a permitir a divulgação desse material. Ao que parece, se está esperando que a acidez do papel, as pragas e o descaso deem cabo da memória da Garnier, isto é, de parte importante e fundamental de nossa história literária.

Acima, eu falava de pesquisadores que põem o foco em si próprios. Isso é, ainda hoje, infelizmente, uma característica de nossa área, zelosamente preservada pela maioria de nós: o trabalho feito de modo isolado, individual, muitas vezes fechado. Por ter tido uma formação básica inicial distante das Letras, posso perceber algumas vantagens e as muitas desvantagens desse hábito de trabalho intelectual, certamente de maneira um pouco mais clara do que os pesquisadores que tiveram toda a sua formação dentro de nossa área. Há várias explicações para isso, mas, parecem-me, poucas justificativas, e nenhuma delas convincente. Abordar, aqui, brevemente, umas e outras, pode ser importante para fundamentar melhor o que pretendo discutir: a postura do intelectual das Letras, que trabalha com informações sobre objetos literários, em tempos de cultura digital.

A começar, não é rara, entre nós, certa tendência em observar a criação das obras literárias por um viés mais individualizante, sobretudo no que diz respeito ao escritor. Nesse caso, centra-se o esforço de leitura em acompanhar, de perto ou de longe, de modo aberto ou disfarçado, uma intencionalidade da escrita, com frequência perdendo de vista a dimensão intersubjetiva de todo gesto expressivo de linguagem. Com isso, compõe-se uma figura de escritor, uma dinâmica de autor, um sentido de obra que são apenas representantes de si próprios e não algo expresso dentro de um campo coletivo, plural de sentidos. Isso significa que, por vezes, obra, autor e escritor são lidos para apenas acentuar suas especificidades e não para, *também*, insertá-los num espaço plural de construção de sentidos. Mesmo a crítica historicista ou sociológica, com alguma frequência, não escapou a essa visada individualizante; não são numerosos aqueles que entendem e aplicam o que ensinou Adorno.¹ E, se entramos no campo dos estudos pós-estruturalistas, a situação fica ainda pior. Talvez certa crítica, a exemplo daquela de extração francesa que trabalhou e tem trabalhado com as noções de intertextualidade ou de hipertextualidade, tenha escapado, por vezes, a essa construção mais fechada e individualizante.

Ora, é óbvio que todo objeto tem de ser construído na sua especificidade, na sua individualidade, sob pena de não se tornar um objeto colocado diante de um método de reflexão e de análise. Não é disso que falamos. Não está aí o problema. O problema está em transplantarmos, acriticamente ou inconscientemente, essa necessária individualização do objeto para o método de investigação e de análise. Em nenhuma ciência, à parte os estudos literários, vejo ocorrer essa confusão entre a especificação de seus objetos e a fundamentação de seus métodos de trabalho intelectual. Se aqueles são necessariamente singulares, estes devem, sempre, se pautar por um esforço de universalização, de abertura, de pluralização. Portanto, também nos Estudos Literários é necessário um diálogo constante com outros métodos, com outras perspectivas, com outros pesquisadores. Isso não apenas no *a posteriori* dos ensaios, dos artigos, dos livros, das conferências, mas, sobretudo, no *a priori* da coleta de informações, na organização dos dados, na catalogação dos documentos, no planejamento das leituras e das reflexões. É

¹ “[...] o conteúdo de um poema não é mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, exatamente em virtude da especificação de seu tomar-forma estético, adquirem participação no universal.” (Benjamin; Habermas; Horkheimer; Adorno, 1993, p. 193-194 [Cl. Os pensadores]).

importante perceber que, depois de o trabalho intelectual ser organizado e efetivamente realizado, o esforço de abertura e de pluralização já chega demasiado tarde.

De outro lado, cabe também observar uma tendência (que não é de agora) da crítica de tomar emprestados hábitos e estratégias da criação literária. À imagem de um escritor moldando seu gênio individual e criando solitariamente, estabeleceu-se a estratégia do leitor crítico ocupado em dar forma à sua erudição pretensamente individual e, portanto, lendo também *en solitaire*. Não é, então, surpreendente que haja surgido um conceito como o de *escritura crítica*, que tem feito sucesso e estabelecido o renome de muito intelectual das Letras. Tanto neste último caso, quanto no anterior, o foco é colocado no trabalho individual, até fechado em si, do leitor. Não naquilo que, corretamente, Todorov defendeu na sua última obra de teoria literária (*Critique de la critique*), isto é, a necessidade de construirmos uma crítica literária dialógica.² O que ele defende, com outras palavras, é o mesmo princípio que, acima, caracterizei como *espaço plural de construção de sentidos*, ou seja, a dimensão intersubjetiva de qualquer gesto de linguagem, incluindo aí a expressão do leitor-crítico.

Quando voltamos os olhos para outra dimensão de nossa cultura atual, a tecnológica, talvez fique mais fácil compreender, mas não justificar, tais escolhas (melhor seria dizer equívocos metodológicos). Por vezes, creio poder distinguir com clareza, na maneira como muitos críticos e teóricos se expressam, aquela mesma *escrita caligráfica* que Antonio Candido associou ao romance *Vida ociosa* de Godofredo Rangel. Nos dois casos, trata-se de resistir, através do ritmo da escrita, ficcional ou teórico-crítica, a uma aceleração tecnológica da vida contemporânea. Em ambas as situações, temos uma atitude tecnófoba, tendendo ao luddismo. Se, do lado da criação literária, tal postura resultou num romance admirável, do lado da crítica e da teoria, ela tem sido ocasião de grandes equívocos. Sobretudo o de apostar na individualidade do teórico ou do crítico, hipertrofiando sua presença, sua figura, sua expressão, suas reflexões, em detrimento de um diálogo aberto, franco e produtivo com outros literatos, com outros campos de conhecimento, com outras instâncias de nossa cultura (como é o caso da informática).

Não é segredo para ninguém a dificuldade das Letras, ainda nos dias de hoje, mesmo com as novas gerações, de dialogar com as ciências exatas e com as tecnologias, particularmente com as digitais. Talvez as novíssimas gerações possam escapar a tais limitações, mas não creio que devamos esperar até que elas se tornem hegemônicas. Elas são e serão ainda formadas por nós e é justamente nessa formação que não podemos continuar cometendo esses erros. Assim, quando se reflete sobre o trabalho com acervos literários, é necessário pensar numa sociedade submetida a graus variáveis, mas cada vez mais altos, de digitalização. É preciso esboçar as condições de contorno desse trabalho com acervos, dispondo-se a reconhecer, a conhecer e a dominar instrumentalmente certa quantidade de tecnologias oriundas da Informática, das Ciências da Informação, do meio digital. Mas, para isso, é necessário superar os até hoje difíceis diálogos com as ciências exatas.

No caso das pesquisas com acervos, é preciso entender as lógicas dos bancos de dados, as estratégias de catalogação, armazenamento e busca de informações, a necessidade e os perigos da digitalização e de seus formatos de arquivos eletrônicos (HTML, XML, PDF, etc.). Sobre tudo, é preciso não apenas saber se orientar em meio a essa salada de siglas e de letras, mas compreender o que está por trás delas, no que elas podem ser úteis, no que elas podem ser nocivas. Em outras palavras, é necessário que os pesquisadores de acervos façam o que qualquer adolescente já sabe fazer, quando organiza as músicas que quer ouvir ou os filmes a que deseja assistir em formato digital, escolhendo, com alguma eficiência, os meios, os aparelhos, as estratégias de seleção, armazenamento, de disponibilização e de busca das informações.

² Não é muito animador saber que, pouco após publicar esse livro, o crítico búlgaro passou a renegar sua obra de crítico e de teórico da Literatura, caracterizando-se mais como um filósofo, ou, como ele mesmo disse, um moralista.

A continuarmos assim, corremos o risco de perder cada vez mais clareza quanto ao papel do intelectual das Letras na sociedade atual. Aliás, se cada um de nós se questionasse sobre esse papel, quem, honestamente, formularia alguma explicação que convencesse totalmente a si próprio?! Outra (má) consequência disso, isto é, da falta de capacidade mínima na manipulação de instrumentos e de processos do meio digital, é estarmos forjando, para o público não literário, uma imagem nossa que descamba facilmente para o descartável. E isso é extremamente grave: não só nos consideram descartáveis (isso nunca foi novidade), mas nós próprios nos assumimos como descartáveis. Como se não fôssemos deste tempo, como se esse tempo não fosse o nosso! Vamos e venhamos, somos mesmo indivíduos de que época histórica?! Aliás, enquanto nos paralisamos discutindo o que é *contemporaneidade*, sem defini-la efetivamente, deixamos muitas vezes de participar diretamente de sua formatação. E aí, amigos, na falta de uma ação direta nossa conformando parcialmente nossa contemporaneidade, é ela que nos envolve e nos formata. Ou que nos define a nós e tira cada vez mais nossa capacidade de defini-la a ela!

Infelizmente, no mais das vezes, os homens das Letras têm sucumbido diante das dificuldades de dialogar com as tecnologias, em particular as digitais. Com frequência, têm lançado mão dessa atitude *caligráfica* a que me referi acima. Trata-se, em resumo, de uma hipertrofia do indivíduo, convertido em protagonista de um espetáculo por meio de que nossos intelectuais tentam escapar da armadilha que criaram para si próprios. Todavia, sem perceber, caem em outra, ainda mais insidiosa, ainda mais deletéria.

Quando falo dessa segunda armadilha, refiro-me ao que talvez seja o ponto central deste trabalho, isto é a fetichização e a espetacularização que, desde várias décadas, assolam o cenário literário. Certamente, elas não foram causadas, ao início, pelo uso do meio digital, mas são, sem sombra de dúvida, muito potencializadas por ele. Usemos, contudo, de prudência metodológica: antecipo uma frase que já expõe algo das conclusões a que quero chegar; volto, então, aos princípios, para melhor expor e analisar seus fundamentos.

O que entendo por fetichização está mais ou menos explicado num trabalho que publiquei há pouco tempo. Contudo, me parece relevante, neste momento, retomar e aprofundar alguns elementos fulcrais desse conceito, no modo como eu o utilizo aqui. A base para essas reflexões está ancorada no que muitos talvez considerem uma antiquilha de museu: um capítulo de *O capital*, de Marx, intitulado “A mercadoria”, especificamente sua parte IV, “O caráter fetiche da mercadoria e seu segredo”.³ Ora, não é preciso ser marxista (eu mesmo não o sou) para compreender o alcance e a importância de várias de suas postulações. A primeira distinção importante que se estabelece aí, no citado capítulo, é aquela que se dá entre a utilidade de um objeto e sua dimensão de mercadoria. É o que se resume com as expressões *valor de uso* e *valor de troca*, respectivamente. A primeira não acarreta muita dificuldade de compreensão, dado o caráter imediatamente empírico para que ela aponta. À segunda, Marx associa um *caráter místico* e que, de fato, não provém de modo algum daquilo que determina o valor. As palavras de Marx são claras e exatas: *De onde provém o caráter enigmático do produto do trabalho, a partir do momento em que ele se apresenta em forma de mercadoria? Evidentemente dessa própria forma.*

³ A tradução é minha.

Devemos entender, então, que as relações entre os trabalhos humanos são imediatas, mas as relações entre os objetos produzidos por esses trabalhos não o são. Ainda no dizer de Marx, *é apenas uma relação social determinada dos homens entre si que aparece aqui, para eles, na forma fantástica de uma relação das coisas entre elas.* E, para compreender como isso se dá, seria preciso apelar para a *região nebulosa do mundo religioso*. Em outra passagem, Marx fala de uma *fantasmagoria que faz aparecer o caráter social do trabalho como um caráter das coisas, dos próprios*

produtos. Misticismo, religião, fantasmagoria, os termos empregados pelo autor d'*O capital* não deixam margem a dúvidas quanto ao caráter absolutamente metafórico e, mais importante do que isso, arbitrário desses fenômenos e desses objetos. Uma passagem, ao final desse capítulo, é bastante reveladora. Nela, Marx afirma:

As mercadorias diriam, se elas pudessem falar: – nosso valor de uso até pode interessar ao homem; para nós, como objetos, isso não importa nada. O que nos interessa é nosso valor. Nossa relação entre nós como coisa de venda e de compra o comprova. Nós consideramos tudo como valores de troca.

Em outras palavras, Marx está falando de um processo que não é casual nem desprovido de significados que vão além daqueles que sua aparência externa exhibe. Primeiramente, é certo que a imposição do valor de troca ao valor de uso esconde o sentido mais profundo das relações sociais. Contudo, mais importante é perceber que, através desse processo de abstração, o segundo é escamoteado para que o primeiro seja exibido como pretensamente única expressão possível do resultado do trabalho. Em outras palavras, a um grau cada vez maior de abstração do objeto produzido, corresponde uma maior exibição deste e um obscurecimento cada vez mais acentuado de sua utilidade fora dele próprio, assim como do papel do sujeito que o produziu.

Ora, os produtos dos trabalhos intelectuais não escapam a um processo semelhante. Ao menos, creio poder discernir neles uma dinâmica de abstração e de valoração em si mesmos. Mas há uma diferença importante: nesse caso, o valor de troca é o ponto de partida, já que não existiria um produto intelectual realizado apenas por e para si próprio, como o que seria próprio a um Robinson Crusó do mundo intelectual (para mencionar o personagem utilizado por Marx em suas considerações, no citado capítulo), *pois as construções de linguagem são sempre intersubjetivas*. Vendo por outro ângulo, poderíamos descrever essa questão da seguinte maneira: se o trabalho intelectual já toma seu ponto de partida num valor de troca, a partir deste se poderia (se deveria, certamente!) chegar a um valor de uso, invertendo o sentido do processo capitalista de valoração. Em outras palavras, à abstração inicial da atividade do teórico e do crítico, se poderia (se deveria) contrapor uma concretização, isto é, a colocação de seus produtos num espaço coletivo e dialógico de reflexão intelectual, em que a propriedade individual desses produtos intelectuais fosse parcialmente perdida em nome de um maior aprofundamento deles. Eu só tenho a ganhar se o que reflito e escrevo deixa de ser minha propriedade exclusiva, deixa de levar minha marca pessoal, para dar mais relevo ao espaço coletivo em que se dá todo e qualquer gesto de linguagem (aí incluída a expressão crítica e teórica dos leitores de literatura). Isso não é um mero esforço de bom-mocismo, para ganhar galardões num improvável paraíso dos literatos; muito mais importante que isso, é certamente uma busca por maior eficiência na atividade intelectual de cada um de nós.

Contudo, não é assim que as coisas funcionam no universo da crítica e da teoria literárias. Aqui também ocorre uma fetichização do produto do trabalho intelectual. Mas ela não se dá na passagem de um valor de uso para um valor de troca, como no processo descrito por Marx. Ela se dá no apagamento do valor de troca em detrimento de um *valor de exibição*. Indo no sentido oposto ao do valor de uso intelectual acima descrito, o que se faz, nesse caso, é acentuar a marca pessoal, é tentar afastar-se o máximo possível do espaço coletivo e dialógico em que ocorre toda expressão languageira.

Ora, ao impor o espaço da individualidade, o que resulta daí é mesmo um progressivo apagamento dos sentidos mais profundos e mais férteis da atividade intelectual; é como se fosse retirado, da expressão verbal, o máximo possível daquilo que lhe dá seus sentidos mais largos. E, se o produto da atividade intelectual busca se desviar do espaço em que se podem aprofundar seus sentidos, que espaço lhe resta? Apenas, me parece, aquele em que se exhibe exclusivamente a individualidade do intelectual, isto é, sua própria imagem, sua figura, sua *persona*. Não o produto da atividade intelectual, mas a pessoa do intelectual em sua individualidade. De fato, interessa cada vez menos o produto em si dessa sua atividade, mais vale o sujeito dela. Nesse caso, trata-se de uma fetichização de segundo nível. Seguindo o esquema proposto pelo autor d'*O capital*, se trataria de uma abstração de uma abstração e, portanto, sem contar ao menos com a desculpa da mistificação ou do simbolismo religioso.

Se, agora, analisamos esse processo todo, dentro da cultura digital contemporânea, podemos perceber como ele pode ser e, de fato, está sendo reforçado! Primeiramente, há que se pensar a respeito da ditadura da novidade, em que a mera aparência de novo já basta para que algo seja lido e considerado como novidade. Ao mesmo tempo, isso tira, no fundo, a novidade de qualquer coisa, pois sempre haverá uma novidade menos antiga à disposição, surgindo a cada momento. Daí advém a necessidade de que o intelectual, ao exhibir-se no meio digital, traga sempre algo de aparentemente inédito, sob pena de desaparecer por debaixo da montanha de mesmices e de repetições que nos impõe o mundo. Ora, as verdadeiras ideias e reflexões exigem tempo, maturação, retomadas insistentes. Uma nova teoria, uma visada crítica original e inovadora apenas aparecem depois de insistentes releituras, tanto de si mesmas, como do contexto teórico e crítico em que se inserem. Elas só se impõem quando a sua novidade força esse contexto a também renovar-se, diante da presença delas. Contudo, nessa pressa por chegar a resultados e a produtos, tão típica da cultura contemporânea, a novidade da reflexão parece demasiado lenta. De fato, é muitíssimo mais fácil e imediato produzir a novidade no personagem que o intelectual exhibe, do que na base de sua atividade, isto é, em suas ideias. Alguns de meus leitores vão dizer, neste momento, que essa figura de intelectual que aqui descrevo é contraditória, já que, acima, ele resistia à pressa contemporânea, pela escritura crítica caligráfica; aqui, ele adere à celeridade. No caso, só posso concordar, pois não são meus argumentos que são contraditórios, é esse tipo de intelectual que pende para certa esquizofrenia.

Voltando, então, ao ponto que se discutia, nunca como antes, estão dadas as condições para um predomínio, tão avassalador, dessa espetacularização vazia e esvaziadora do intelectual. Se os sintomas disso já estavam em gente como Andy Warhol, Marcel Duchamp, John Cage etc., que diremos, então, agora, desta nossa época, em que está à disposição de todos a lógica exibicionista do *Facebook* e do *Twitter*?! E que dizer, então, dos críticos e teóricos literários que, antes ainda do meio digital, já se apoiavam na construção de personagens para si mesmos?! Para usar uma expressão bem coloquial, esses estão, agora, *felizes como pintos no lixo*.

De fato, essa espetacularização do intelectual não é exclusiva do meio digital, ela já vem sendo posta em cena há bastante tempo, mas, vale muito repetir!, estão dadas, atualmente, as condições para uma exacerbação nunca antes vista desse processo. Inicialmente, ela se baseou numa hipertrofia dos críticos e dos teóricos, em detrimento dos elementos diretamente ligados à criação literária. É possível afirmar que esses intelectuais caíram na armadilha do ciúme: diante da importância atribuída à linguagem dos escritores, aos elementos ligados à criação literária, pelo próprio resultado de suas reflexões como críticos e teóricos, eles passaram a buscar também sua inserção no espaço do artístico. Afinal, como parecia ensinar Duchamp, *qualquer coisa não deveria ser considerada arte*?! Por que não entrar aí também com a crítica e

com a teoria, compensando o que muita gente considera uma desmerecida secundarização da atividade de leitura?! De fato, trata-se de pretensa secundarização, mas, nosso século tem pressa,⁴ como já se disse, e provar que essa secundarização não ocorre de fato, toma tempo, toma, às vezes, todo o tempo de uma carreira intelectual. E a maioria de nossos intelectuais não tem paciência para esperar que esse ciclo se cumpra. É mais fácil, no imediato, rivalizar com os criadores literários, mesmo sabendo que terão de ser usadas estratégias algo distintas das que são empregadas na criação literária.

Em suma, temos, a nossa volta, um caldo de cultura em que se mesclam alguns elementos básicos: a celeridade dos processos digitais extrapolada para as individualidades; a tendência à exibição de personagens individuais, de *personas*; a busca incessante por novidades. É com tais condições de contorno que deve contar o intelectual das Letras nessa busca por notoriedade, por fazer-se visível e ter sua pretensa importância reconhecida. O primeiro ponto, então, a reforçar, é sua individualidade, na maneira como escreve, reforçando aquela estratégia da escrita caligráfica. Nesse caso, o que ocorre, no mais das vezes, é a utilização de uma linguagem que leve sua marca, como se fosse mesmo um sinal de TM, posto como marca d'água sobre suas reflexões. Mesmo que isso se dê à custa de não ser efetivamente compreendido, de não estabelecer um diálogo produtivo com seus leitores. Mas não é isso que importa agora para ele, não é mesmo?! Daí o uso de citações inesperadas, de referências desconhecidas, de neologismos vazios, nada que queira, de fato, estabelecer um diálogo; tudo reforçando, apenas, a fetichização do próprio discurso. Este se justificaria não pelas discussões que permitiria aprofundar, mas pelo prestígio que acarreta.⁵ Afinal, para esse tipo de intelectual, mais vale ser admirado pelo inusitado das citações, pelas expressões que cria e pela obscuridade dos argumentos, do que ser compreendido por estar aberto a um diálogo com outros leitores. Entre o esforço de propor um diálogo reflexivo e a criação de uma *persona* para si próprio, ele não vacila um segundo: as citações absconsas, as referências inesperadas são uma marca importante de sua individualidade; por que perder tempo em fazer-se claro? Ora, fazer-se claro ainda traria o risco adicional de ser respondido, até mesmo contestado, o que está no sentido contrário ao da espetacularização que ele constrói para si. Então, a preferência é mesmo para o uso de expressões enigmáticas que apenas simulam ser conceitos. De fato, não o são. Talvez até, na origem, possam ter sido, mas seu uso como mera decoração do espetáculo, tirou delas toda possibilidade de dar fundamento para verdadeiras reflexões intelectuais. A partir daí, outros leitores, os que se encantam com esse procedimento, passam a usar essas expressões não como ideias ou conceitos de que se apropriariam intelectualmente, mas como fetiches que permitem apenas marcar sua participação nesse seletivo grupo. Vejam se não é o que ocorre com palavras como *desconstrução*, *entre-lugar*... Até mesmo *dialética*, nos anos 70 e 80 era usada por gente que não tinha a mínima ideia do que seria isso, mas que valia como declaração de se estar afiliado a alguma esquerda marxista.

Uma consequência extremamente escandalosa desse processo é fato de tais críticos e teóricos, em geral, aprenderem pouco com a literatura, certamente bem menos do que deveriam, tão ocupados estão em ensinar-se, isto é, em mostrar-se aos demais. Quem não conhece carrancudos críticos de Oswald de Andrade, que não aprenderam com ele que *a alegria é a prova dos nove*?! Ou leitores de Mário de Andrade que estão apenas ocupados em criar legiões de súditos, esquecidos do que o autor do *Prefácio interessantíssimo* dizia: *E não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só*. Parece-me muito claro que, se tais críticos e teóricos aprendem pouco ou quase nada com a literatura, é que eles a leem muito mal e só vão poder, de fato, ensinar quase nada ou muito pouco da própria literatura.

⁴ “O século está rico, o século está gordo”, como diz Jorge de Lima, no belo poema “O poeta diante de Deus”.

⁵ Os literatos que aprendem com a literatura, podem aprender com Vieira. No *Sermão da Sexagésima*, o grande prosador disse: “Alguns dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador; agora quisera eu enganar-vos tanto, que saíeis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós”. O mesmo deveria se dar conosco e com nossos leitores!

Essa hipertrofia do *ego intellectus*, ou seja, a espetacularização do intelectual traz outra consequência: uma ampliação desmedida e descabida do princípio da propriedade intelectual, no que tange ao criador literário e a sua criação. Trata-se de uma extensão abusiva desse princípio à atividade de leitura do literário: fala-se de *meu autor*, como se apenas aquele crítico fosse seu proprietário (do mesmo modo como um escritor específico – ou seu descendente – é proprietário dos direitos da obra). O mesmo vale, como já apontei ao início, não só para a obra, mas para tudo que diga respeito a ela e a seu autor, aí incluídos, obviamente, os documentos que pertencem a seu acervo pessoal. Eu diria mesmo que, nesse caso dos acervos, isso talvez seja ainda mais grave, já que tal apropriação impede que também as informações (e não apenas as reflexões) circulem, por construir obstáculos praticamente intransponíveis para o trabalho coletivo. Este é fundamental, não apenas por tudo que já dissemos acima, mas porque, em nossa sociedade de cultura digital, nos vemos às voltas com tal quantidade de dados (documentos, informações, etc.) que nenhum intelectual, sozinho, pode dar conta de processar. E, com isso, voltamos a questões com que se abriu este trabalho. Espero que, nesse percurso circular, possamos todos sair, um pouquinho que seja, do labirinto em que nos metemos. E isso se fará não pelo esforço individual, solitário, egótico (afinal, foi ele que nos colocou lá), mas pelo fortalecimento do diálogo respeitoso e produtivo entre todos nós.

Referências

BENJAMIN, W.; HABERMAS, J.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Lírica e sociedade*. São Paulo: Abril Cultural, 1993, p. 193-4. Col. *Os Pensadores*.

MARX, K. *O Capital*. Disponível em:

<<http://www.marxists.org/francais/marx/works/1867/Capital-I/kmcapI-I-4.htm>>. Acesso em: 23 maio 2013.